

# Quintal

VOLUME II

# POÉTICO

**ADEMIR PASCALE**  
ORGANIZADOR

SELO

CONEXÃO LITERATURA

# **ADEMIR PASCALE**

## **ORGANIZADOR**

Copyright © por Autores  
Projeto editorial por Ademir Pascale  
Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização dos autores  
Obra protegida por direitos autorais  
2021  
Patrocínio:  
[www.revistaconexaoliteratura.com.br](http://www.revistaconexaoliteratura.com.br)

# SUMÁRIO

## CLIQUE SOBRE O TÍTULO DOS POEMAS

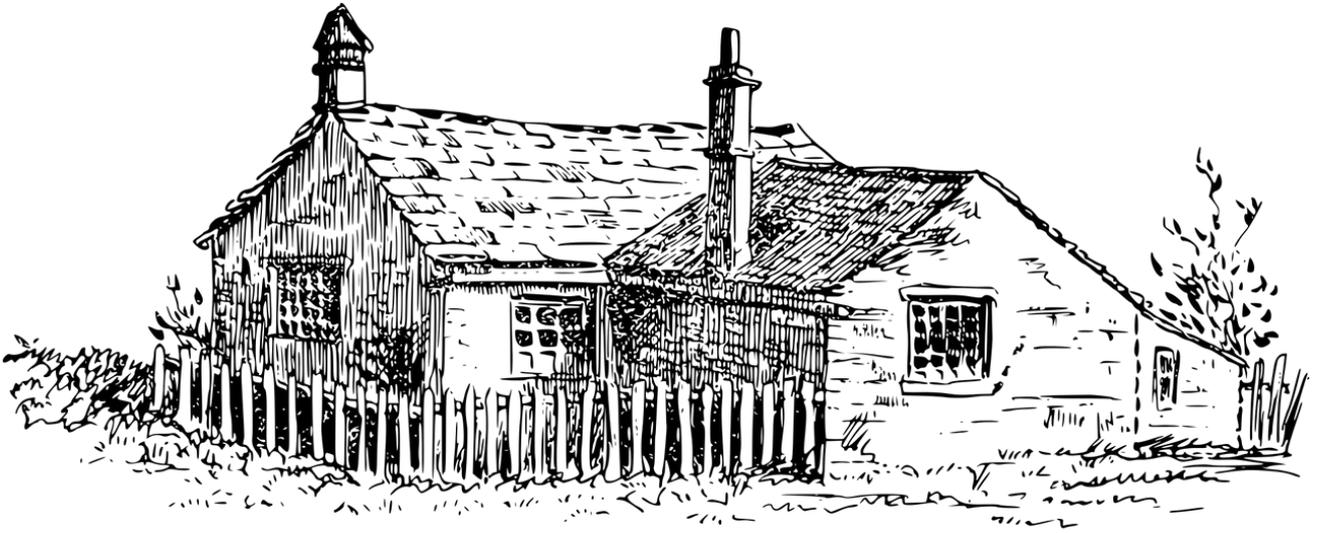
- João 3:16, por André Luiz Martins de Almeida, pág. 05  
Parei de mendigar, por A.N.L., pág. 07  
Você e ela, por A.N.L., pág. 09  
Vento solar, por Lara Chaves, pág. 11  
Os quintais onde cresci, por Denise Peres Martins Rezende, pág. 13  
Solidão, por Ríga, pág. 17  
Detalhes, por José Manuel da Silva, pág. 20  
Estática, por José Manuel da Silva, pág. 23  
Êxtase, por José Manuel da Silva, pág. 29  
Folhas secas, por Lurdinha Alencar, pág. 32  
Quintal da vida I, por Liah Pego, pág. 34  
Quintal da vida II, por Liah Pego, pág. 37  
Eufemismos, por Nilton Marchesini, pág. 40  
Meu lamento..., por Nilton Marchesini, pág. 43  
Não quero que todos os meus sonhos se realizem!, por Nilton Marchesini, pág. 47  
Em tempos de ventania, por Selma Reis, pág. 51  
Como vejo Deus?, por Sônia da Silva Falcão, pág. 53  
Se meu pai estivesse vivo?, por Sônia da Silva Falcão, pág. 55  
Indivíduos seres eu, por TAMA, pág. 57  
Na brecha entre um questionamento e outro, por TAMA, pág. 60  
Adere-se em minha bolha de sabão, por TAMA, pág. 62  
Conheça outros títulos da coleção, pág. 65

Organização, capa, arte e diagramação: Ademir Pascale  
E-mail: [ademirpascale@gmail.com](mailto:ademirpascale@gmail.com)

**VISITE:**  
**[www.revistaconexaoliteratura.com.br](http://www.revistaconexaoliteratura.com.br)**

**[www.instagram.com/revistaconexaoliteratura](http://www.instagram.com/revistaconexaoliteratura)**  
**[www.facebook.com/conexaoliteratura](http://www.facebook.com/conexaoliteratura)**



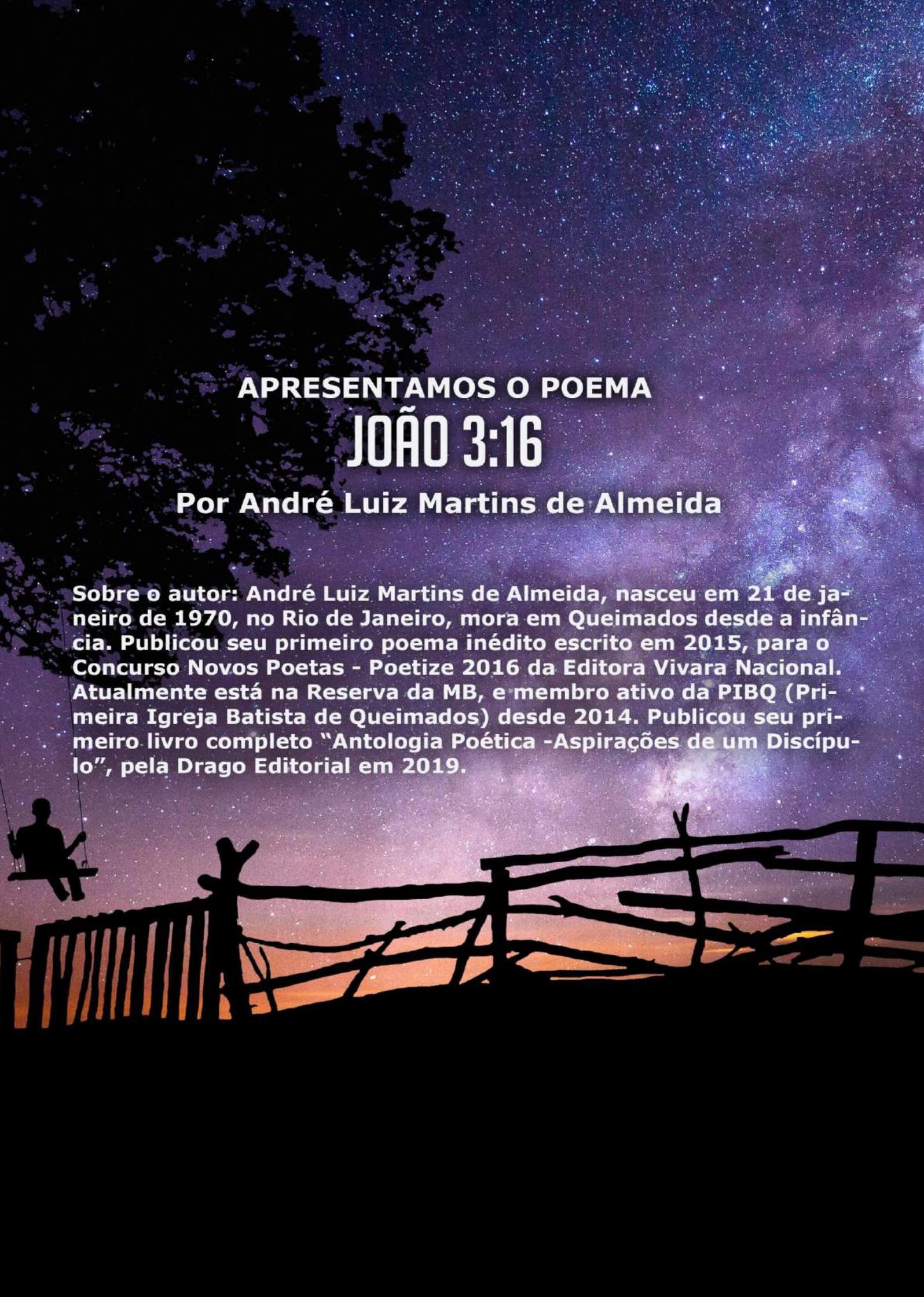


## **IMPRESSIONISTA**

**Uma ocasião,  
meu pai pintou a casa toda  
de alaranjado brilhante.  
Por muito tempo moramos numa casa,  
como ele mesmo dizia,  
constantemente amanhecendo.**

**— Adélia Prado**

**(Do livro Bagagem. São Paulo: Siciliano, 1993. p. 36)**



**APRESENTAMOS O POEMA**  
**JOÃO 3:16**

**Por André Luiz Martins de Almeida**

**Sobre o autor: André Luiz Martins de Almeida, nasceu em 21 de janeiro de 1970, no Rio de Janeiro, mora em Queimados desde a infância. Publicou seu primeiro poema inédito escrito em 2015, para o Concurso Novos Poetas - Poetize 2016 da Editora Vivara Nacional. Atualmente está na Reserva da MB, e membro ativo da PIBQ (Primeira Igreja Batista de Queimados) desde 2014. Publicou seu primeiro livro completo "Antologia Poética -Aspirações de um Discípulo", pela Drago Editorial em 2019.**

***(Livro de João Capítulo Três Versículo Dezesesseis)***

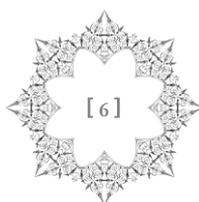
O Profeta que foi de Jesus, o antecessor.  
Veio preparar o caminho para o seu sucessor.  
Indicar aos seguidores o verdadeiro professor.

O Apóstolo registra palavras de conteúdo incomparável.  
O gesto de Deus para sua criação foi inevitável.  
Seu amor narrado neste versículo é inexplicável.

O Evangelho de João três versículo dezesseis narra nossa redenção.  
O último sacrifício exigido, para o homem retornar sua atenção.  
Demonstrar o tamanho do seu amor, foi a sua intenção.

João capítulo três versículo dezesseis resume todos os mandamentos.  
Suas palavras gravadas ressoam em todos os momentos.  
A luz do seu amor está em todos os elementos.

Você sairia gritando por aí: “João 3:16”?  
Ágape: O Amor que Venceu o Pecado, por vocês!  
Sua missão é repassar o verdadeiro recado!  
A palavra convida para ser um discípulo dedicado.





**APRESENTAMOS O POEMA**  
**PAREI DE MENDIGAR**

**Por A.N.L.**

**Sobre a autora: Aparecida Nogueira Lopes nasceu em Diamantina – MG.**

**A sua relação com a palavra é de “amizade”, esta é sempre cultivada e regada, o que leva a florescer e frutificar cada vez mais.**

**É coautora de diversas antologias, é poetisa e compositora.**

**É membro da Associação Portuguesa de Poetas de Lisboa no Núcleo de São Paulo, que é coligada à Casa do Poeta de São Paulo.**

Hoje consegui o que você  
Jamais pensou que eu faria...  
Sair da “esquina” da sua vida  
O que você não me daria,  
Eu parei de mendigar.  
Se eu não tomasse essa atitude  
Confesso que continuaria:  
Com os restos que me oferecia.  
Solicitando dedicação  
Implorando por minutos do seu tempo  
Humilhar-me por um pouco de atenção  
Suplicando para me enxergar  
Entrar na “fila” para que me notasse  
E triste por me desviar seu olhar  
Das suas sobras não necessito rapaz  
Adeus!  
Suas migalhas... não me pertencem mais.





**APRESENTAMOS O POEMA**  
**VOCÊ E ELA**

**Por A.N.L.**

**Sobre a autora: Aparecida Nogueira Lopes nasceu em Diamantina – MG.**

**A sua relação com a palavra é de “amizade”, esta é sempre cultivada e regada, o que leva a florescer e frutificar cada vez mais.**

**É coautora de diversas antologias, é poetisa e compositora.**

**É membro da Associação Portuguesa de Poetas de Lisboa no Núcleo de São Paulo, que é coligada à Casa do Poeta de São Paulo.**

Eu confesso que me arrependo

Mas com alívio vou dizendo,

“Não estou triste”

Pois você viu que existe

Alguém melhor que eu

Que o universo lhe concedeu

Ela sente amor

Reconhece o seu valor

A ela eu agradeço

Por ser motivo do seu recomeço

Ela é ideal companheira,

Essa história é verdadeira!

Ela é luz em sua vida

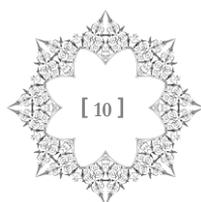
Te ama sem medida

Percebo o brilho do seu olhar

Olhos que só fiz chorar.

Desculpe pela cicatriz,

E seja feliz!



**APRESENTAMOS O POEMA**

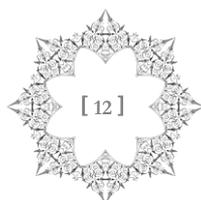
# **VENTO SOLAR**

**Por Lara Chaves**

**Sobre o autor: César Augusto Lara Chaves, nascido nos idos de 72, psicanalista/psicólogo, servidor público, poeta/contista amador, com algumas publicações em antologias. Acredita que alguma psicanálise na literatura, e vice-versa, são intercâmbios muito bem-vindos, com grande benefício para ambas, pois a alma se alimenta de estímulos de toda a forma de arte, o que nos habilita a maravilhar o olhar diante das pequenas coisas, assim como superar as pequenezas e as vicissitudes da vida.**



Na consistência, não creio.  
Vou diluído.  
Intergaláticos vazios.  
Autofoco.  
Esgoto-me em miragens.  
Sem alternativas, no agora.  
Dos alienígenas, não duvido.  
Sigo em órbitas elípticas.  
Viagem pelo universo no micro e no macro.  
Esse caminho eu não faço!  
Desconfiado em meio a ruídos.  
Vento solar.  
Convicção a rachar o vácuo.  
Campo gravitacional implacável.  
Compacta extensão.  
Amarrotado espaço-tempo.  
O nada para além da percepção.  
Infinito ao contrário.  
Eterna criação.





**APRESENTAMOS O POEMA**  
**OS QUINTAIS ONDE CRESCI**

**Por Denise Peres Martins Rezende**

**Sobre a autora: Advogada, Escritora, Licenciada em Letras (Português-Inglês) e Estudante de Pedagogia.**

**Amante das Letras. Operadora das leis. Exploradora das línguas. Investigadora de arcaísmos/ preciosismos. Apaixonada por metodologias pedagógicas. Fascinada pelos processos mentais da aprendizagem humana. Possuidora de uma inabalável ânsia linguística. Faz estudos sobre a relação entre o processo de aprendizagem e a memória espiritual. Afeita aos escritos desde a adolescência. Almeja a melhora na Educação formal nacional.**

**Instagram: @educacaocomdeniseperesmartins**

**Linkedin: <https://br.linkedin.com/in/deniseperesmartins>**

O quintal de casa tinha cimento.  
Mas, era um local de acolhimento.  
Havia muito graça em tudo asfaltado.  
Sempre limpo e ajeitado.  
As plantas da mamãe para afastar mal olhado.  
Ficavam perto da churrasqueira para os grelhados.  
Ela adorava uma pimenteira.  
E não é que a bichinha morria rapidinho quando chegava gente grosseira.  
Quando o primeiro neto chegou virou um evento.  
Tinha plantas, galochas, regador, pá, e tudo mais para ele brincar ao relento.  
Tinha até casa de madeira com agua com açúcar pros beija-flores virem nos visitar.  
Era uma residência lúdica, lugar preferido para o amado neto brincar.  
A carne assava nos domingos ensolarados.  
A família se reunia em torno dos assados.  
O varal repleto de roupas com perfume do campo.  
O cachorro a correr com olhar manso.  
Saudades dos cafés da manhã no quintal ao som de música animada.  
As crianças amavam, pois na vovó tinha café balada.  
Mas, minha história tem outros quintais.  
Com lembranças transcendentais.  
O quintal do tio Fausto tinha galinheiro com galo bravo.  
Ele só gostava de humanos. A galinhada ele espantava num brado.  
Era ele. O nosso galo de criação crescido no décimo andar de um apartamento.  
E quando foi para o galinheiro não quis saber de casamento.

Naqueles tempos em que você ia num evento e ganhava um pintinho.

Normalmente não vingavam. Mas, o Barnabé cresceu e ficou bem espertinho.

Em sua juventude ele era nosso amigo.

Brincava sempre com minha irmã e comigo.

Ele se divertia no balancê, gira gira e escorregador.

Ele adorava o parquinho de nossas bonecas. Mas, seu destino era ser um vencedor.

Seu porvir em sua futura moradia era se tornar o prefeito.

Pintinho crescido em apartamento com criança pequena é desse jeito.

Acostuma-se com gente humana, brinca e quando com os seus semelhantes demonstra logo sua valentia.

Ele colocava ordem no galinheiro, o que tinha sua serventia.

Nesse quintal também tinha pomar, bis e guaraná.

Quando lembro penso: — *Melhor coisa não há.*

Calma que ainda falta mais um quintal na minha narrativa.

Na cidade do ar puro com a melhor brisa.

Falo do quintal dos meus avós na Atibaia ensolarada.

Lugar de onde eu tenho memórias açucaradas.

No Brasil tem o melhor clima.

E segundo melhor clima do mundo, a ONU afirma.

Nesse jardim tinha batata.

Plantada com amor, esforço e enxada.

Tinha poncã docinha.

Tinha ninho de marimbondo malvado que me deixava doidinha.

Tinha o suor e alegria do meu avô procurador plantador.

Ali ele plantava e histórias ele contava. Era um baita contador.

Esse era o refugio dele, onde se tornava inominado.

— *Nada de doutor por aqui. Sou apenas um jardineiro determinado.*

Sabia todas as leis dos homens e do plantio.

Era um homem educado, culto e extremamente gentil.

Há quem diga que ali tinha cobra, mas eu não vi.

Em compensação tinha linda sinfonia de bem-te-vi.

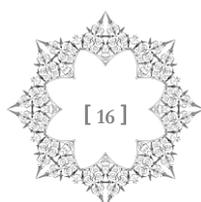
Tinha barulho de quadra de tênis do vizinho abastado que jogava nas manhãs de sol,  
causando ouriço na vizinhança.

Ah que saudades. Como era bom ser criança.

O tempo passou e todos se foram.

Restei aqui com os jovens aparentados e lembranças em meu coração.

Saudades dos quintais da minha vida e memórias que para sempre me acalantarão.



**APRESENTAMOS O POEMA**

# **SOLIDÃO**

**Por Riga**

**Sobre o autor: RIGA, pseudônimo de João Luiz Cougo, nasceu em Rio Grande/RS em 1967. E em Rio Grande, na FURG, começou o curso de Bacharel em Direito, que na Universidade de Passo Fundo concluiu. É também Bacharel em Teologia pela Faculdade de Entre Rios, no Piauí.**

**Empregado público, desde 2002, na EBCT. Leitor contumaz de filosofia. Interessado em política e economia. Acompanha a vida do país sempre com atenção e, por vezes, sofrimento. É defensor dos direitos humanos, dos animais e do meio-ambiente.**

Solidão,  
fiz dela companhia.

Solidão,  
eu Adão, ela Eva.

Solidão  
me leva, e me eleva  
ao silêncio estrelar.

Solidão  
e eu em meu lar.

Eu a desejar  
alguém com quem viver e amar.

Ela, a vigiar meu silêncio.  
Assegurando o vazio,  
o espaço galaxial.

Solidão será este meu fim,

você a cuidar de mim.

E, eu separado do mundo,  
ter contigo estes filhos problemáticos,  
temáticos de um passado que jaz profundo.



The background of the entire page is a night sky filled with stars and the Milky Way galaxy. In the lower-left corner, there is a silhouette of a person sitting on a swing. In the lower-right corner, there is a silhouette of a wooden fence. The text is overlaid on the sky.

# APRESENTAMOS O POEMA DETALHES

Por José Manuel da Silva

**Sobre o autor:** José Manuel da Silva é professor e tradutor há mais de 40 anos. Ministra aulas de Língua Inglesa, Linguística e Tradução em universidade particular. Traduz textos da área técnica. Possui formação em Engenharia Mecânica e Letras Português-Inglês, Mestrado em Linguística e Filologia Românica e especializações em Tradução e Educação a Distância. Escreve desde os anos 1970, principalmente poesia.

Tudo é um grande mistério  
Uma enorme confusão  
Discursos em meio ao tédio  
Criminosos de plantão.

Tudo são vidas carcomidas  
Aguardando solução  
Balas perfurando a noite  
Blá-blá-blá na televisão.

Tudo são flores no governo  
Números em ébria direção  
Pobres, *gays* e negros morrem  
Não podem comprar proteção.

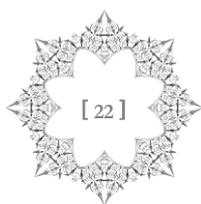
Tudo arde sob a crosta  
Ódio em ebulição  
Novidades nas vitrines  
Facilidades e dívidas no cartão.

Tudo tem um ar mofado  
Existência em decomposição  
Tantas *selfies* sorridentes  
Verdade ou falsa ostentação?

Tudo muda, tudo acaba  
E renasce em novo chão  
Tanta coisa ainda por fazer  
Tanto sim que ainda é não...

Tudo ainda é mistério

Uma eterna confusão  
Permanência e impermanência  
Interregnos da paixão.



The background of the entire page is a night sky filled with stars and the Milky Way galaxy. In the lower-left corner, there is a silhouette of a person sitting on a swing. In the lower-right corner, there is a silhouette of a rustic wooden fence. The text is centered in the upper half of the image.

# APRESENTAMOS O POEMA ESTÁTICA

Por José Manuel da Silva

**Sobre o autor:** José Manuel da Silva é professor e tradutor há mais de 40 anos. Ministra aulas de Língua Inglesa, Linguística e Tradução em universidade particular. Traduz textos da área técnica. Possui formação em Engenharia Mecânica e Letras Português-Inglês, Mestrado em Linguística e Filologia Românica e especializações em Tradução e Educação a Distância. Escreve desde os anos 1970, principalmente poesia.

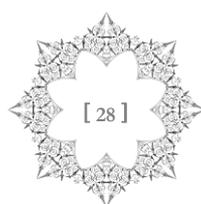
pedra  
tornei-me pedra  
sou pedra  
tudo em mim é pedra  
pedra  
tudo em volta é pedra  
pedra  
vejo a pedra  
sinto a pedra  
penso a pedra  
sou a pedra  
pedra  
à minha volta o mundo  
quase pedra  
pedra  
a vida em pedra  
em pedra  
o sertão sempre foi pedra  
o mar vai virar pedra  
à minha volta gente  
quase pedra  
pedra  
o futuro é pedra  
quando tudo é pedra  
pedra  
permaneço pedra  
é bom ser pedra  
pedra  
só pedra  
nada mais do que pedra  
cheiro

de pedra  
gosto  
de pedra  
sou a pedra  
a pedra sou eu  
todo o rio passa pela pedra  
pedra firme  
pedra imóvel  
pedra empírica  
pedra semiótica  
pedra robótica  
pedra  
só pedra  
a pura pedra  
enquanto pedra  
eternamente pedra  
a pedra do tempo  
no tempo da pedra  
pedra em poesia  
poesia em pedra  
a arte da pedra  
a musicalidade surda da pedra  
a pedra não muda  
eloquente pedra  
a sabedoria da pedra  
pedra globalizada  
pedra informatizada  
pedra digitalizada  
pedra  
pedra daqui  
pedra do além  
pedra  
faço parte da pedra

sou a pedra  
desperto  
na pedra  
imobilizado  
na pedra  
impensado  
na pedra  
vivo na pedra  
sinto-me mais alerta na pedra  
pedra da alegria  
a pedra não chora  
a pedra só sente  
a pedra vibra  
pedra dura  
pedra de toque  
não me toque  
pedra angular  
pedra fundamental  
pedra filosofal  
a magia da pedra  
a pedra na história  
a pedra em glória  
pedra pedestal  
sou toda a pedra  
qualquer pedra  
sem pressa  
sem alarde  
só pedra  
uma pedra  
a pedra  
fragmento do todo  
totalidade da pedra  
existência de pedra

completude da pedra  
a certeza da pedra  
que sou  
pois sou  
pedra  
o efeito pedra  
dia e noite de pedra  
permanecerei pedra  
incrustado na pedra  
revestido de pedra  
sou pedra  
virei pedra  
fiquei pedra  
pedra  
sou minha própria pedra  
os seres se movem  
parados  
estáticos  
na pedra  
que não ficará  
sobre pedra  
pedra do horizonte  
no horizonte pedra  
no futuro pedra  
a pedra do futuro  
pedra  
eu pedra  
enquanto pedra  
aqui em pedra  
em verdade vos digo  
outras pedras virão  
no encontro das pedras  
pedra e cia

companhia de pedras  
pedras  
todos pedras  
pedras  
tudo pedra  
pedra  
da pedra  
pela pedra  
para a pedra  
pedra  
sempre pedra  
repetidamente pedra  
pedra pedra pedra





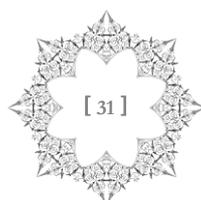
**APRESENTAMOS O POEMA**  
**ÊXTASE**

**Por José Manuel da Silva**

**Sobre o autor: José Manuel da Silva é professor e tradutor há mais de 40 anos. Ministra aulas de Língua Inglesa, Linguística e Tradução em universidade particular. Traduz textos da área técnica. Possui formação em Engenharia Mecânica e Letras Português-Inglês, Mestrado em Linguística e Filologia Românica e especializações em Tradução e Educação a Distância. Escreve desde os anos 1970, principalmente poesia.**

beijar os lábios do desejo  
não de alguém  
gozar do gozo sem rosto  
sem corpo  
fundir a alma na alma  
e voar  
levitar  
viver o sonho irreal  
transmutar a carne  
em paixão  
aluvião  
sopro vital  
abissal  
animal  
a lava fervente  
mordente  
no centro do mundo  
explosão  
vibração  
conjunção  
profundeza  
cruza  
certeza  
nada de amor – entidade abstrata  
só os sentidos – em fruição desmediata  
a vida toda em um momento  
eterno  
em volta, o nada  
completo  
insensação  
abandono

paz  
o mais  
não importa





**APRESENTAMOS O POEMA**  
**FOLHAS SECAS**

**Por Lurdinha Alencar**

**Sobre a autora: Maria de Lurdes Alencar Araújo, residente em Gurupi-Tocantins. Graduada em Pedagogia Licenciatura Plena e Pós Graduada em Planejamento Educacional pela FAFIC de Gurupi-TO. Atualmente não exerce atividades profissionais, pois já está aposentada. Ainda não tem nenhum livro publicado mas participou de várias antologias em diversas editoras, onde escreveu poesias e contos.**

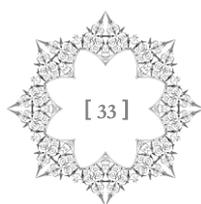
Quando presas na árvore  
vocês eram bem verdinhas,  
mas chega o período sem chuvas,  
e vocês começam a caírem no chão  
e serem levadas pelo vento  
sem ter direção certa.

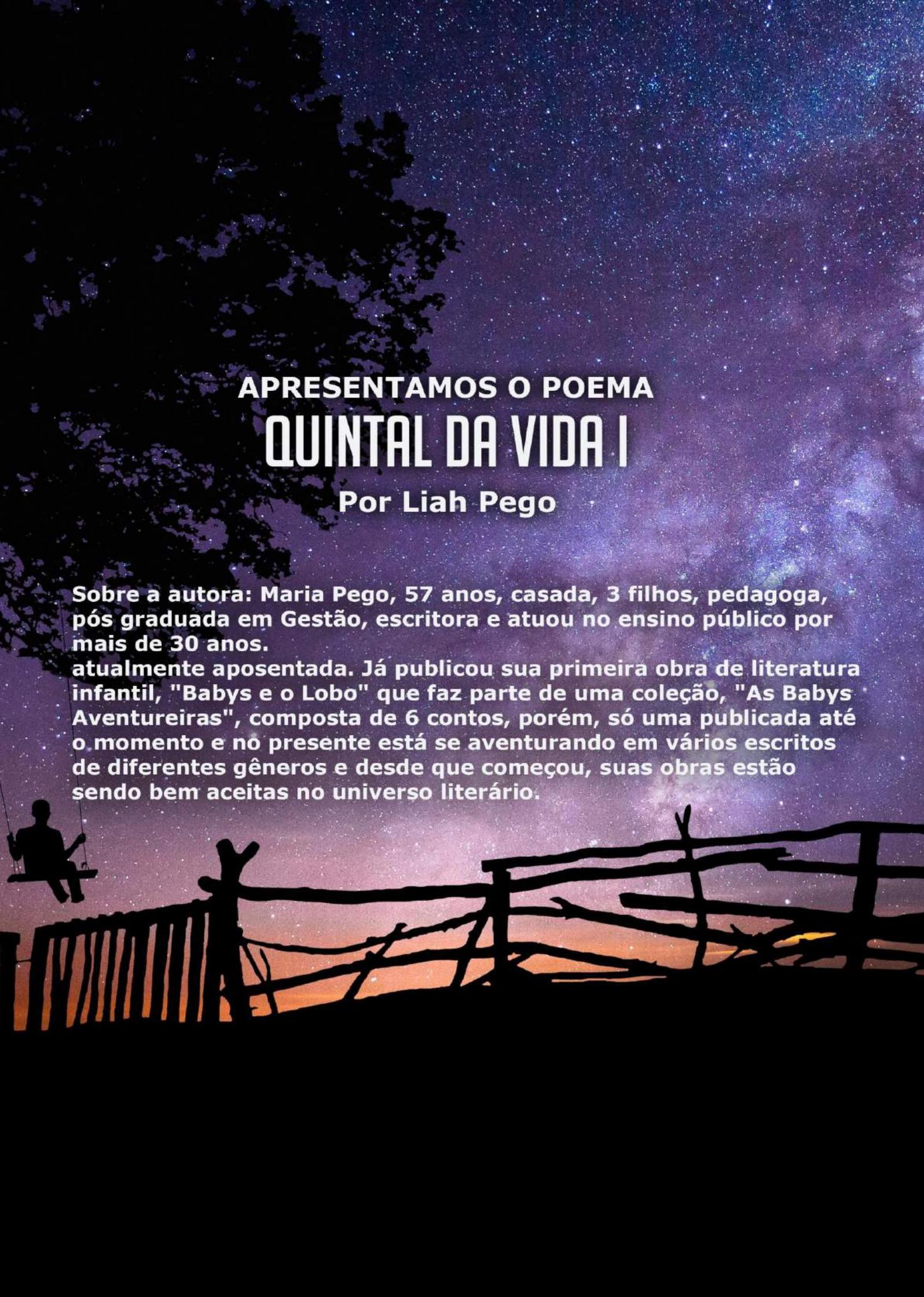
As vezes começam a caírem  
para dar lugar a lindas flores  
como é o caso dos ipês amarelos,  
ou simplesmente caem  
para renovar suas folhas.

Folhas agora caídas, rasteladas,  
amontoadas, recolhidas,  
para depois serem jogadas no lixo.

Trabalho realizado por alguém  
que quer ver e manter  
o belo gramado bem cuidado  
e sempre limpo.

Mas não esqueceu,  
que vocês foram bem verdinhas,  
e formavam a sombra  
que ele sempre descansou  
após sua jornada de trabalho





**APRESENTAMOS O POEMA  
QUINTAL DA VIDA I**

**Por Liah Pego**

**Sobre a autora: Maria Pego, 57 anos, casada, 3 filhos, pedagoga, pós graduada em Gestão, escritora e atuou no ensino público por mais de 30 anos.**

**Atualmente aposentada. Já publicou sua primeira obra de literatura infantil, "Babys e o Lobo" que faz parte de uma coleção, "As Babys Aventureiras", composta de 6 contos, porém, só uma publicada até o momento e no presente está se aventurando em vários escritos de diferentes gêneros e desde que começou, suas obras estão sendo bem aceitas no universo literário.**

Nos quintais da vida que me entreguei

Dancei, cortejei, amei, esperei, levitei, rezei, lancei, mergulhei...

*Dancei* para o vento, para as estrelas, para a lua

*Cortejei* a natureza, o doce sabor do beijo, o calor, o afago, o carinho...

*Amei* loucamente o que conquistei

*Esperei* pacientemente o que busquei

*Levitei* com as asas da imaginação

*Rezei*, orei...

*Lancei-me* no mais profundo dos sentimentos

*Mergulhei* no oceano das lembranças, recordações e,

Te encontrei dançando leve e solta

Semelhante uma pluma ao vento

Rodopiando sobre as ondas do mar

As vestes brancas, saudavam lemanjá.

O brilho da lua, refletia seus olhos

Alcançava os movimentos

Do monumento desenhado por Deus

Pintado pela natureza

Depositava-o no peito

Camuflado de loucos desejos

O desejo do corpo

Da alma que, agora amarga.

Do sorriso que não sorri...Sente

O abismo que me encontro

No reencontro da luz...

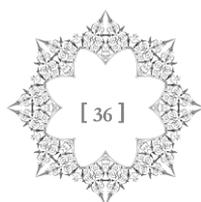
Luz do final do túnel

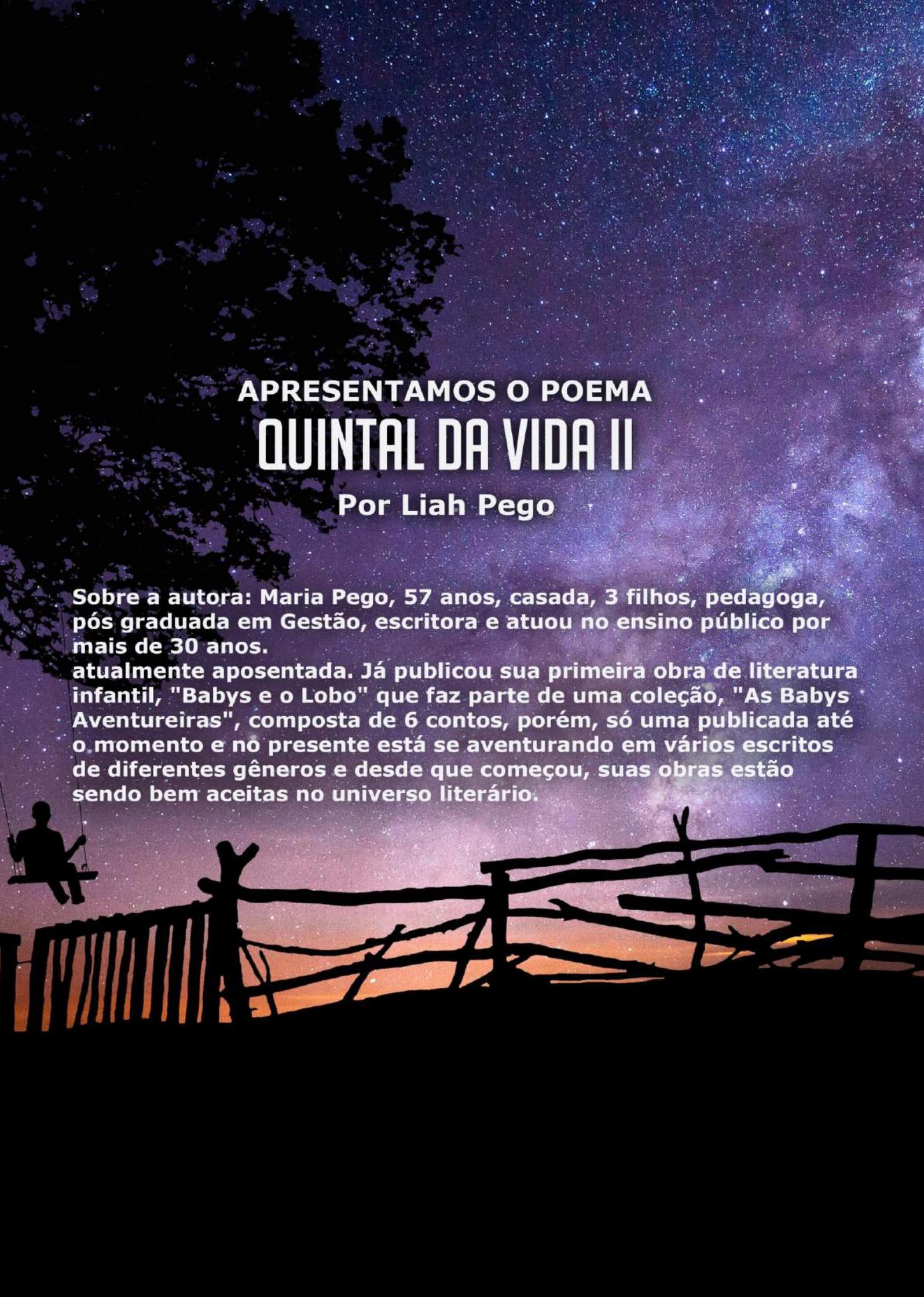
Que leva para os palcos dos sonhos dos pesadelos

Das noites coloridas, refletidas...

Nas sombras, no espelho da vida

Que não ilumina.





**APRESENTAMOS O POEMA**  
**QUINTAL DA VIDA II**

**Por Liah Pego**

**Sobre a autora: Maria Pego, 57 anos, casada, 3 filhos, pedagoga, pós graduada em Gestão, escritora e atuou no ensino público por mais de 30 anos.**

**atualmente aposentada. Já publicou sua primeira obra de literatura infantil, "Babys e o Lobo" que faz parte de uma coleção, "As Babys Aventureiras", composta de 6 contos, porém, só uma publicada até o momento e no presente está se aventurando em vários escritos de diferentes gêneros e desde que começou, suas obras estão sendo bem aceitas no universo literário.**

Nos quintais da vida que me lancei, dancei, cortejei, amei,

Desmoronei, desmoronei

A solidão bate sem jeito

A saudade dilacera o peito

Abre lacunas, não cicatrizam

Esvazia o leito.

A dor da dor que hoje doi

É a dor que mutila

A dor que mói

Corrói por dentro

Não reconstrói

Quintal que cria

Quintal da magia

Quintal que descreve o mergulho...

No escuro, no ar

No seco oceano da imaginação

De onde te vi chegar.

Quintal da luz

Quintal do luxo e orgia

Quintal que recebe cortesia

Que deixa contente a mente.

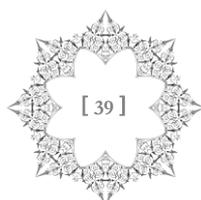
Quintal que catalisa.

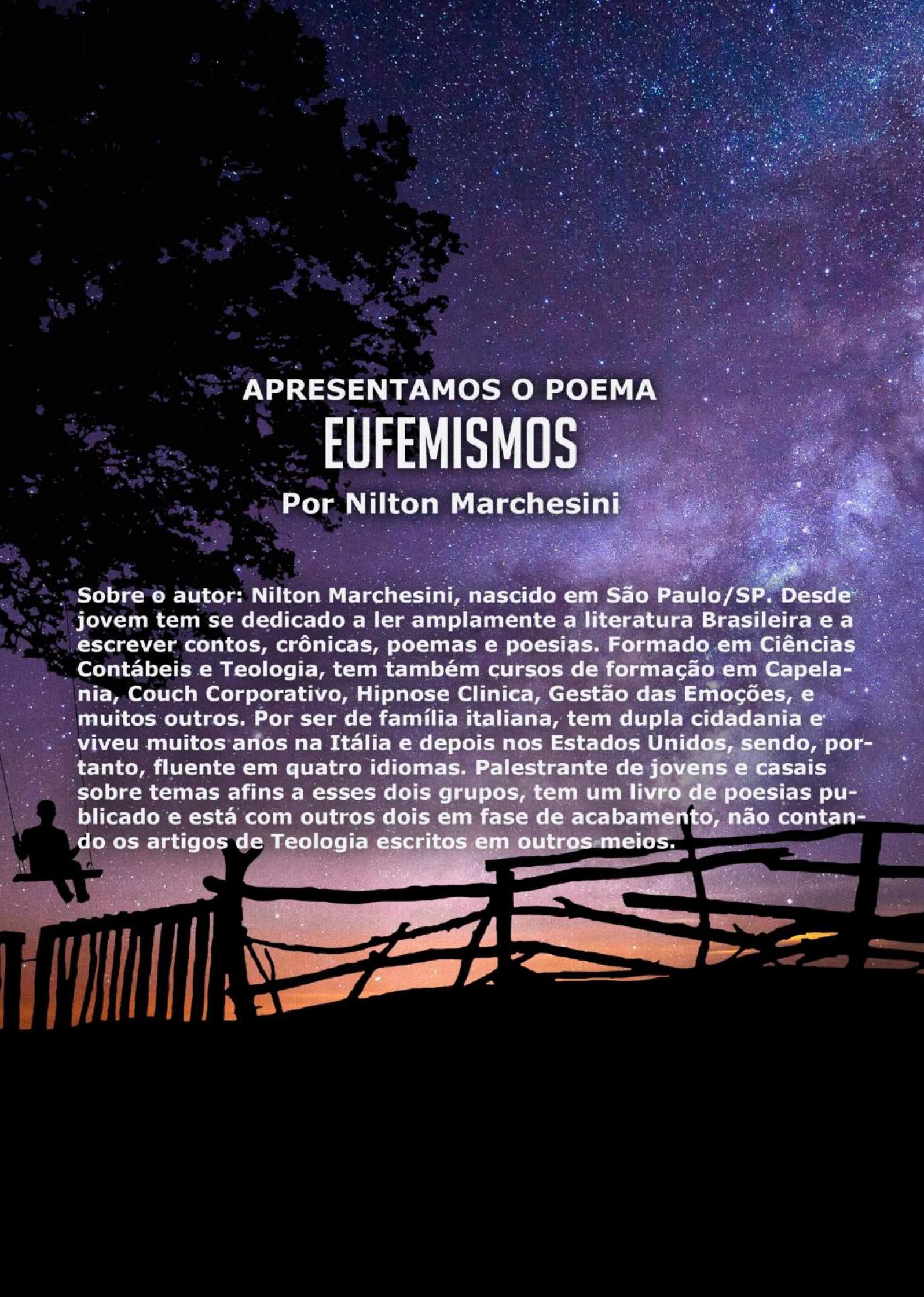
Quintal que elimina anafrodisia

Quintal onde dança, a dança

Do tempo, do vento, da vida que paralisa

Esfria...





**APRESENTAMOS O POEMA**  
**EUFEMISMOS**

**Por Nilton Marchesini**

**Sobre o autor: Nilton Marchesini, nascido em São Paulo/SP. Desde jovem tem se dedicado a ler amplamente a literatura Brasileira e a escrever contos, crônicas, poemas e poesias. Formado em Ciências Contábeis e Teologia, tem também cursos de formação em Capelania, Couch Corporativo, Hipnose Clínica, Gestão das Emoções, e muitos outros. Por ser de família italiana, tem dupla cidadania e viveu muitos anos na Itália e depois nos Estados Unidos, sendo, portanto, fluente em quatro idiomas. Palestrante de jovens e casais sobre temas afins a esses dois grupos, tem um livro de poesias publicado e está com outros dois em fase de acabamento, não contando os artigos de Teologia escritos em outros meios.**

O dia finda. A boca da noite ainda não se abriu totalmente, mas já sinto o seu hálito. O horizonte começa a desaparecer. O sol se recusa a ir embora, mas a penumbra está mastigando os seus últimos raios de luz.

Já vai longe o tempo em que eu lutava com todas as minhas forças para que o tempo não corresse. Mas quão imbecil eu fui, em querer parar esse trem desengatado em descida livre. Implacável tempo, que não perdoa os erros, que não respeita sentimentos. Passa veloz, mesmo que você não esteja preparado para ele. E cruel também, porque por onde passa deixa mais que um rastro, deixa uma nódoa, porque se impregna no mais íntimo de nosso ser, contaminando nossas ações e comportamentos.

Olho para o céu e começo a contar as estrelas que pouco a pouco vão se multiplicando na abóbada celeste. Mas desisto em pouco tempo, porque ao observar os astros celestes, percebo que até eles estão contra mim, pois se movimentam em direção ao outro continente, como prova irrefutável de que o tempo passa e de que não há dia, por mais belo que seja, que não termine com uma noite tenebrosa.

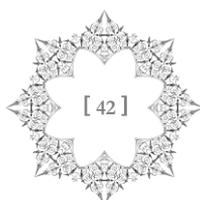
Opto por dormir, mas o sono não me vem. Estou por demais de tenso, pois navego por mares nunca dantes navegados. Tudo é novo para mim. Já li muitas histórias de como é angustiante assentar-se em uma cadeira fixada no convés de um titanic, mas a experiência pessoal é sempre acima de qualquer lição aprendida de terceiros.

Oh, meu Deus, o que fazer? Não quero dormir nem quero contar as estrelas. Se tivesse que escolher entre os dois, escolheria nenhum. Reconheço a superioridade do meu adversário. Sei que a luta é favorável a ele. Coragem não me falta, mas perdi a esperança de que correndo pela noite, anteciparei a alvorada do dia seguinte.

Quase já não vejo mais o horizonte, que, em segundos, desaparecerá. O corpo dá os seus sinais de cansaço. Cerro os olhos na tentativa de vislumbrar algum vulto na escuridão. Mas estou sozinho, cercado pelo nada. Para os outros, o dia ainda vai alto e muitos outros estão apenas vendo os primeiros raios da manhã. Não me vêem, não me ouvem, e de tão ocupados que estão, também não podem sentir a minha ausência. Posso gritar a vontade. E é isto que faço. Mas meu grito é mudo, pois nem a voz me sai como gostaria.

É como disse um filósofo: se nasce sozinho e se morre sozinho. Mas eu não quero falar sobre a morte, não agora. Prefiro falar da noite. Noite que se aproxima

traíçoeiramente e engole o dia como um predador faz com sua presa, não permitindo que ela veja a alvorada seguinte. A presa sou eu, que de repente pára e dá uma gargalhada, pois mesmo diante da noite que se agiganta na minha frente, consigo encontrar otimismo para falar de temas sérios com eufemismos, pois quando falo do dia, na verdade, não falo do dia, falo da vida. E eis que a noite é chegada. Porque até a noite faz parte do ciclo do tempo.





**APRESENTAMOS O POEMA**  
**MEU LAMENTO...**

**Por Nilton Marchesini**

**Sobre o autor: Nilton Marchesini, nascido em São Paulo/SP. Desde jovem tem se dedicado a ler amplamente a literatura Brasileira e a escrever contos, crônicas, poemas e poesias. Formado em Ciências Contábeis e Teologia, tem também cursos de formação em Capelania, Couch Corporativo, Hipnose Clínica, Gestão das Emoções, e muitos outros. Por ser de família italiana, tem dupla cidadania e viveu muitos anos na Itália e depois nos Estados Unidos, sendo, portanto, fluente em quatro idiomas. Palestrante de jovens e casais sobre temas afins a esses dois grupos, tem um livro de poesias publicado e está com outros dois em fase de acabamento, não contando os artigos de Teologia escritos em outros meios.**

Mesmo que eu não receba nenhuma gratidão por todos os favores que te presto,  
Não poderei reclamar, pois te devo muito mais que favor.  
Devo-te o eterno reconhecimento por ter sido alvo do teu mais profundo amor.

Mesmo que não pagues nada de todo o gasto que tenho contigo,  
Não poderei cobrar nada, pois te devo muito mais que dinheiro.  
Devo-te a vida.

Mesmo que não reconheças os meus méritos,  
Não poderei desistir,  
Pois o mérito de um filho é não se valer de mérito algum.

Mesmo que me faças perder tempo contigo,  
Não poderei lastimar,  
Pois já te fiz perder muitas noites de sono, quando eu, pequeno, chorava por qualquer motivo.

Mesmo que não me abrace mais,  
Não deverei lamentar,  
Pois já me abraçastes nos momentos em que eu mais precisei, quando era pequeno e indefeso.

Mesmo que não queiras mais me proteger  
Não poderei lamentar  
Pois toda a proteção de que precisei já me destes quando cumpristes teu papel de mãe (e de pai).

Mesmo que não queiras mais andar de mãos dadas comigo  
Não poderei lamentar,  
Pois já me carregastes no lugar onde ninguém mais carregaria: teu ventre, meu primeiro lar.

Mesmo que não consigas mais lavar minhas roupas, não deverei reclamar,  
Pois já me deste banho, até quando eu estava sujo, em uma época que não podíamos  
nem mesmo comprar fraudas descartáveis, se è que já existiam.

Mesmo que não me dêes nenhum presente, não poderei lamentar,  
Pois tantas vezes já me presenteastes com parte de teu próprio corpo: teu leite, meu  
primeiro alimento.

Mesmo que já não faças mais comida para mim, não poderei reclamar,  
Pois até já me destes muita comida na boca, quando eu não sabia ainda nem segurar os  
talheres.

Mãe, mesmo que ti, já idosa, não consigas mais pronunciar o meu nome, não me  
lamentarei,  
Pois quando precisei, foste tu que, infinitas vezes, conversavas comigo, da forma mais  
pueril e maternal possível, para ensinar-me a falar.

Mesmo que teus olhos já não consigam mais visualizar a minha face, não lamentarei,  
Pois quando eu não sabia ainda cuidar de mim mesmo, teu olhar estava sempre em mim,  
para me socorrer antes que eu me machucasse.

Mesmo que teus ouvidos não queiram mais ouvir minha voz, não lamentarei,  
Pois quando eu não sabia ainda falar, sabias interpretar cada som que eu emitia.

Mesmo que não consigas mais acompanhar os meus passos, não lamentarei,  
Pois quando minhas pernas eram pequeninas e os meus passos eram curtos, refreastes  
tua velocidade para não me deixar para traz.

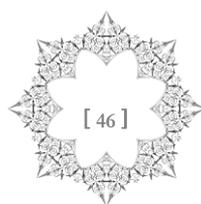
As razões de meu lamento são, na verdade, totalmente diferentes:

O lamento de não poder estar todos os dias perto de ti, quando a escolha de partir para  
longe foi toda minha.

O lamento de não poder socorrer-te, justamente agora que estás idosa e mais precisas de mim.

E sobretudo,

O lamento de que chegará o dia a partir do qual não poderás mais me ouvir declarando-te esta poesia.



**APRESENTAMOS O POEMA**

# **NÃO QUERO QUE TODOS OS MEUS SONHOS SE REALIZEM!**

**Por Nilton Marchesini**

**Sobre o autor: Nilton Marchesini, nascido em São Paulo/SP. Desde jovem tem se dedicado a ler amplamente a literatura Brasileira e a escrever contos, crônicas, poemas e poesias. Formado em Ciências Contábeis e Teologia, tem também cursos de formação em Capelania, Couch Corporativo, Hipnose Clínica, Gestão das Emoções, e muitos outros. Por ser de família italiana, tem dupla cidadania e viveu muitos anos na Itália e depois nos Estados Unidos, sendo, portanto, fluente em quatro idiomas. Palestrante de jovens e casais sobre temas afins a esses dois grupos, tem um livro de poesias publicado e está com outros dois em fase de acabamento, não contando os artigos de Teologia escritos em outros meios.**

No início deste mês completei mais um ano de vida. Na verdade, quis escrever isto naqueles dias, mas como estava o mês todo de férias, viajando, deixei para a primeira ocasião possível. O que me deixou muito feliz foi o fato de ver tanta gente me cumprimentando pelo face book. Se como faz pouquíssimo tempo que o tenho, não havia ainda recebido tantas manifestações assim, desde que saí do Brasil, em 2003. Sou grato a todos, indistintamente. Mas uma coisa me chamou a atenção: uma frase que também eu, algumas vezes, já usei para me cumprimentar com alguém pelo seu aniversário. É a famosa frase: “Que todos os teus sonhos se realizem”. Não que eu queira reprovar quem assim o fez, mas apenas explicar o que isto realmente significa.

Eu não quero que todos os meus sonhos se realizem, e vou dizer porque: Porque sou um sonhador. Um eterno sonhador. Mas não um utópico, como galinhas, que tem asas mas não voam, e quando veem os gansos voando, dizem: “ah, se soubéssemos voar...”. Não, eu corro atrás de meus sonhos, até que chegue o momento em que são eles que tem que correr atrás de mim, porque já os superei, e já estou atrás de outros, ainda maiores, ainda mais altos.

Dizer para um sonhador que deseja que todos os seus sonhos se realizem é o mesmo que desejar-lhe a morte. Mas isto serve para todo mundo, pois todos, em escalas diferentes, sonhamos: os solteiros sonham em se casar, mas se casados, sonham em ter filhos, se tem filhos, sonham em ter netos, sonhamos com um emprego melhor, sonhamos em uma viagem maravilhosa, etc. Quando não podemos mais sonhar para nós mesmos, pela idade ou por uma enfermidade, sonhamos pelos nossos queridos, para que cresçam, para que entrem na faculdade, etc. Não é assim? Nem os idosos escapam. E para os crentes, tem algo a mais: quando a morte nos rondar, ainda restará um sonho: o de viver eternamente com Cristo. Oh, aleluia!

E eu, que ainda não me sinto um idoso, não penso nem de longe em realizar todos os meus sonhos. Isto deixaria a minha vida sem um estímulo, sem expectativas. Seira o caos. Pelo contrário, poucas vezes na vida estive tão cheio de sonhos como agora. Estou com tantos projetos, e sei que um por um, vou conseguir realiza-los. E não são projetinhos pequenos, não, são coisas que os “normais” chamariam de loucura, como já o fizeram outras vezes. Mas de loucura em loucura, cheguei onde muitos “normais” jamais chegarão,

e já realizei muitas proezas que muita gente jamais realizará. Não porque não sonham, mas porque tem medo de colocar seus sonhos em prática. Tem medo de perder. Mas quem tem medo de perder não pode nunca ser um vencedor. Se eu perder, recomeço, se cansar, paro um pouco, se algo sair errado, corrijo a mira, mas desistir nunca, retroceder, jamais.

Sempre fui assim. Um colega até já disse que eu tenho cócegas na alma. Aos 7 anos, fui sozinho em um banco descontar um cheque (naquela época, se podia). Gostei tanto da experiencia que disse que um dia seria bancário. E assim foi, passei em um concurso público (em primeiro lugar) no Banco do Estado de MT, e lá trabalhei por dez anos. Quis ser contador, e fui (e sou, ainda, com registro na Ordem de Classe). Amei uma moça e lutei por seu amor, e daqui a quatro meses, faremos 20 anos de casados.

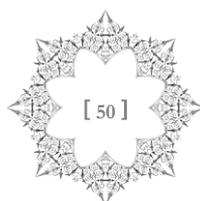
Um dia, quis sair do Brasil. Sem dinheiro, sem amigos no exterior, sem emprego, mas com muitos sonhos, cheguei na Itália e aqui tive que comer o resto da sobra do farelo do pão amanhecido que o mendigo deixou, mas pouco a pouco, um a um os obstáculos foram vencidos, e hoje podemos olhar para traz e dizer que valeu a pena. Agora, os sonhos de 10 anos atras já não nos servem mais. Estou tendo outros sonhos. Voltei a estudar, sozinho, pelo you tube, o hebraico, e ainda o alemão. Porque novos horizontes estão para se abrirem.

Não fico parado na rua esperando a banda passar. Nem vivo somente de passado, pois não sou museu. Quem vive só de passado, esquece de projetar o futuro e de viver o presente. Podem até cantar, mas é uma canção em tom menor (e quem entende de música, sabe o que isto quer dizer). Não posso esquecer minhas experiências do passado, mas também não posso viver em função delas. Não sinto vontade de sorrir quando me lembro da infância pobre, sem pai, mãe doente, duas irmãs e nenhum irmão. A casa de madeira já nem existe mais. Ainda bem que com ela, sucumbiram-se todos os meus traumas e ressentimentos, pois se não fosse assim, também eu teria desmoronado nesse vértice de ressentimentos vis que destroem o corpo, a alma e o espirito. Mas, empurrado pelos meus sonhos de sair daquele ciclo que sempre puxava para baixo, levantei voo. E ainda hoje estou voando. Voo com os pés no chão. Mas voo longe e alto.

Não deixe fechada a janela de tua alma. Sabe quando você vê uma pipa no ar, fazendo piruetas? Você pensa que ela é livre? Não! Essa é uma falsa impressão de liberdade. Porque uma linha a prende à terra. Tênuê linha, mas forte o bastante para

impedi-la de seguir seu próprio curso. Fizeram-na voar, mas impediram-na de ser livre. Se pudesse escolher, talvez optasse pela escuridão de uma dispensa, pois ali não precisaria esconder sua imensurável tristeza. Muitos são assim, querem voar, mas não rompem a linha, ainda que tênue, que as mantém ao seu mundinho, ao seu quintal. Já tenho escrito muitos poemas e poesias sobre temas como este, e chegará o dia em que vou disponibiliza-los ao grande público, mas ainda não é a hora.

Enquanto isso, o tempo corre, implacável. Não perdoa erros, não respeita sentimentos. Simplesmente corre, veloz, mesmo que você não esteja preparado para ele. Eu preferi correr com o tempo. Ao lado dele. Para não perder mais outra oportunidade. Portanto, logo logo, será meu aniversário de novo. E novamente, vou esperar as vossas felicitações. Mesmo que entre elas, haja de novo, tantos votos de que todos os meus sonhos sejam realizados.





# APRESENTAMOS O POEMA EM TEMPOS DE VENTANIA

Por Selma Reis

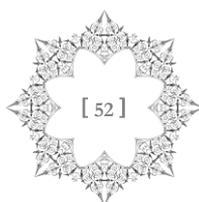
**Sobre a autora: Selma Reis de Souza (Selma Reis) nasceu em Belford Roxo (RJ), em 1952. Hoje, reside em São Gonçalo (RJ). É Professora concursada do Primeiro Segmento do Ensino Fundamental nas Redes Municipais de Ensino de São Gonçalo (de que é aposentada) e de Niterói (em que ainda atua).**

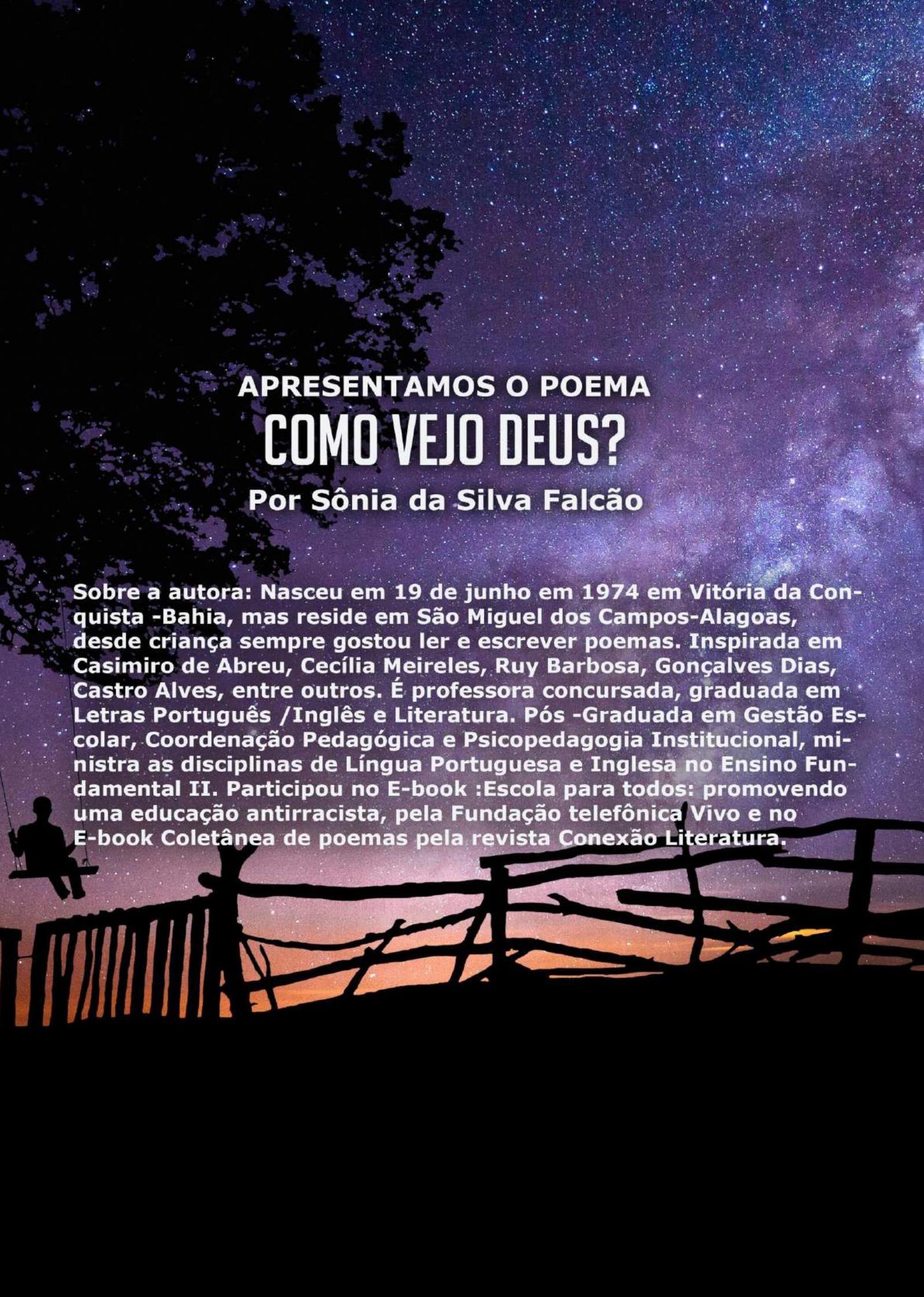
**Estreia em livro com a obra em versos Poesia no Entardecer (Rio de Janeiro, Drago, 2020). Atualmente tem se dedicado a escrever crônicas e contos. E poesia, SEMPRE.**

Varro folhas.  
E elas a bailar, num rodopio, se espalham.  
Torno a juntá-las.  
Na indomável tirania do vento,  
faço... refaço...  
Me refaço. Me despeço.  
Vidas desbotadas, já sem viço,  
de mim escapam.

Varro flores.  
E elas, num estonteante redemoinho,  
com sutileza,  
me dizem da alegria na partida;  
que na roda da vida nada se perde.  
É lei, enfatizam.  
E então, com pesar,  
As deixo partir.

Varro sementes.  
tão pequenas... Imperceptíveis, quase.  
Tão plenas de vida, eu as sei.  
Ânsia de catá-las, uma a uma.  
Penso, repenso:  
meu pequeno jardim não daria conta.  
Ora então, oro  
para que o tirano indomável,  
quicá, num pedido de desculpas,  
as distribua uniformemente por solos férteis,  
pluralizando, assim, a vida.





**APRESENTAMOS O POEMA**  
**COMO VEJO DEUS?**

**Por Sônia da Silva Falcão**

**Sobre a autora: Nasceu em 19 de junho em 1974 em Vitória da Conquista -Bahia, mas reside em São Miguel dos Campos-Alagoas, desde criança sempre gostou ler e escrever poemas. Inspirada em Casimiro de Abreu, Cecília Meireles, Ruy Barbosa, Gonçalves Dias, Castro Alves, entre outros. É professora concursada, graduada em Letras Português /Inglês e Literatura. Pós -Graduada em Gestão Escolar, Coordenação Pedagógica e Psicopedagogia Institucional, ministra as disciplinas de Língua Portuguesa e Inglesa no Ensino Fundamental II. Participou no E-book :Escola para todos: promovendo uma educação antirracista, pela Fundação telefônica Vivo e no E-book Coletânea de poemas pela revista Conexão Literatura.**

Vejo Deus em tudo, no ar que respiro, na água que bebo,

Vejo Deus no sol que me ilumina e me aquece,

Vejo Deus na mata, e no homem que desmata,

Vejo Deus no mar, no peixe que vive no mar,

Vejo Deus no homem que se alimenta do peixe.

Vejo Deus no céu, no pássaro que voa no céu,

Vejo Deus na flor, na abelha que devora o néctar da flor,

Vejo Deus nas milhares de crianças órfãs, e nos anjos que as acolheram.

Vejo Deus nos grandes educadores que transformam vidas,

Vejo Deus nos profissionais da saúde que se empenham para não perder uma só vida,

Vejo Deus nos poetas, escritores, autores, músicos, enfim todos os artistas que levaram um pouco de alegria, esperança, consolo para as pessoas que perderam suas famílias.

Vejo Deus no político, ainda que corrupto que retira o pão do cidadão.

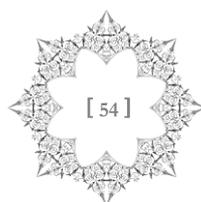
Vejo Deus na fome que assola o mundo, nos homens e mulheres que devoram o lixo para sobreviver,

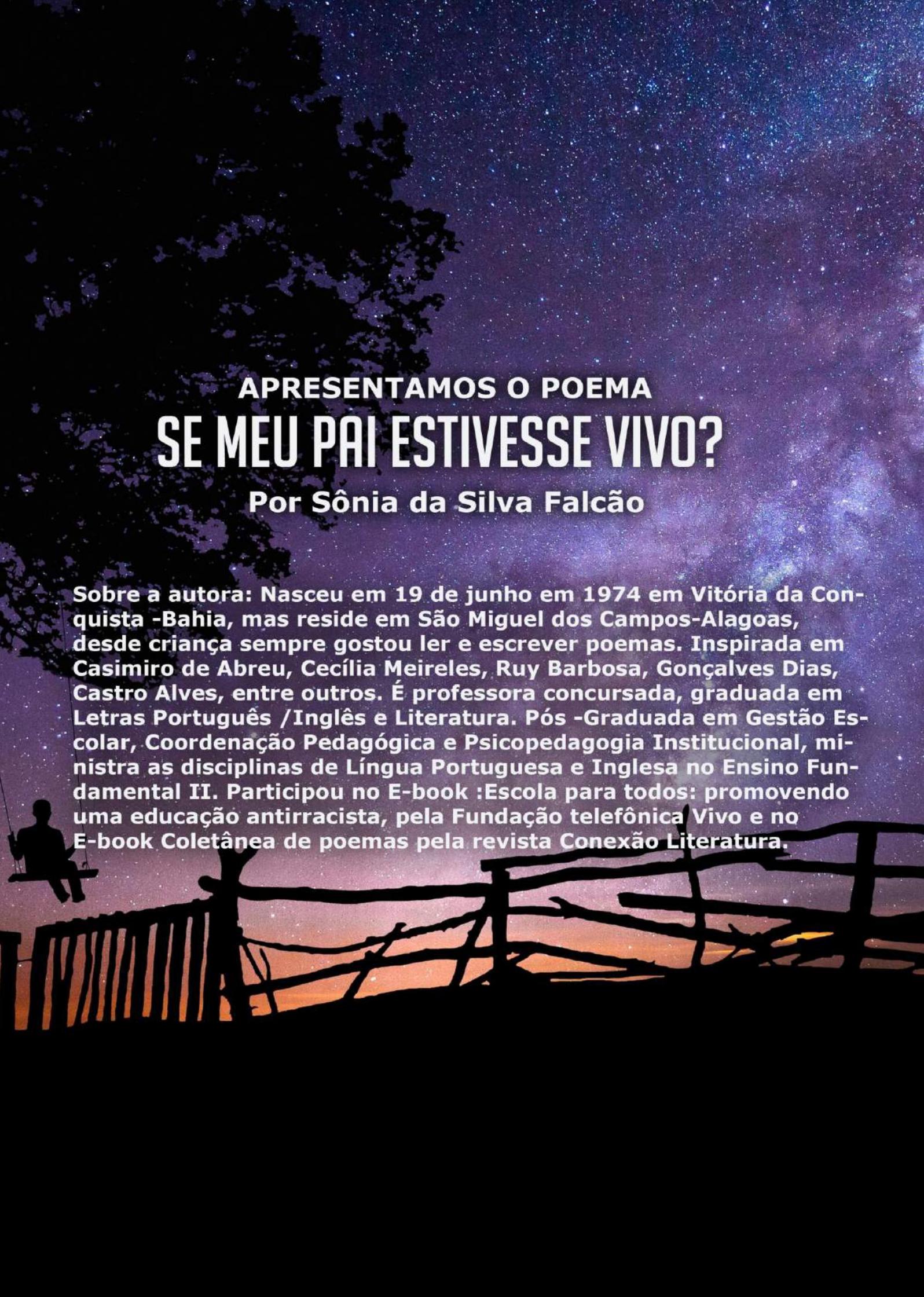
Vejo Deus na doença, no homem que criou a vacina para combatê-la,

Vejo Deus no preto, no branco, no índio ou no amarelo sem distinção,

Vejo Deus em todas as mulheres, em todos os homens, e em todas as identidades de gênero, inclusive em todas as religiões, afinal, Deus não é amor?

Mas, não consigo ver Deus no homem que discrimina, bate, espanca, exclui, mata outro semelhante, justificando ser em nome de seu criador.





**APRESENTAMOS O POEMA**  
**SE MEU PAI ESTIVESSE VIVO?**

**Por Sônia da Silva Falcão**

**Sobre a autora: Nasceu em 19 de junho em 1974 em Vitória da Conquista -Bahia, mas reside em São Miguel dos Campos-Alagoas, desde criança sempre gostou ler e escrever poemas. Inspirada em Casimiro de Abreu, Cecília Meireles, Ruy Barbosa, Gonçalves Dias, Castro Alves, entre outros. É professora concursada, graduada em Letras Português /Inglês e Literatura. Pós -Graduada em Gestão Escolar, Coordenação Pedagógica e Psicopedagogia Institucional, ministra as disciplinas de Língua Portuguesa e Inglesa no Ensino Fundamental II. Participou no E-book :Escola para todos: promovendo uma educação antirracista, pela Fundação telefônica Vivo e no E-book Coletânea de poemas pela revista Conexão Literatura.**

Hoje, me passou pela cabeça o que faria se meu pai estivesse vivo?

Não acordaria mais cedo, cobriria seu corpo bem devagarzinho

Para que ficasse dormindo só mais um pouquinho.

Se soubesse a alegria que eu sentia quando chegava e era aquela calorosa recepção

E quando me via triste, vinha com todo carinho saber logo qual a razão.

Se meu pai estivesse vivo e o visse choramingando pelas broncas de mamãe

O colocaria no colo, o cobriria de beijos e abraços, contaria uma piada daquela bem engraçada até que chorasse de tanto sorrir. Ah, como era bom tê-lo aqui...

Contando suas lembranças de infância, peraltices de criança.

Tomando aquele delicioso café que só ele sabia fazer.

Queria vê-lo bem velhinho, bem bonitinho e bem gordinho.

Se meu pai estivesse vivo, o deixaria cozinhar nas melhores panelas,

Utilizar os melhores talheres e comprar-lhe-ia um novo fogão

Não o deixaria sair quase morrendo para resolver problemas que não eram seus

E todas as noites iríamos fazer juntos uma linda oração.

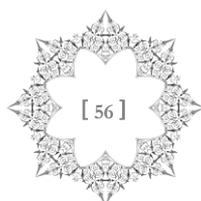
Se meu pai estivesse vivo, faríamos nossa viagem de férias, programada há séculos

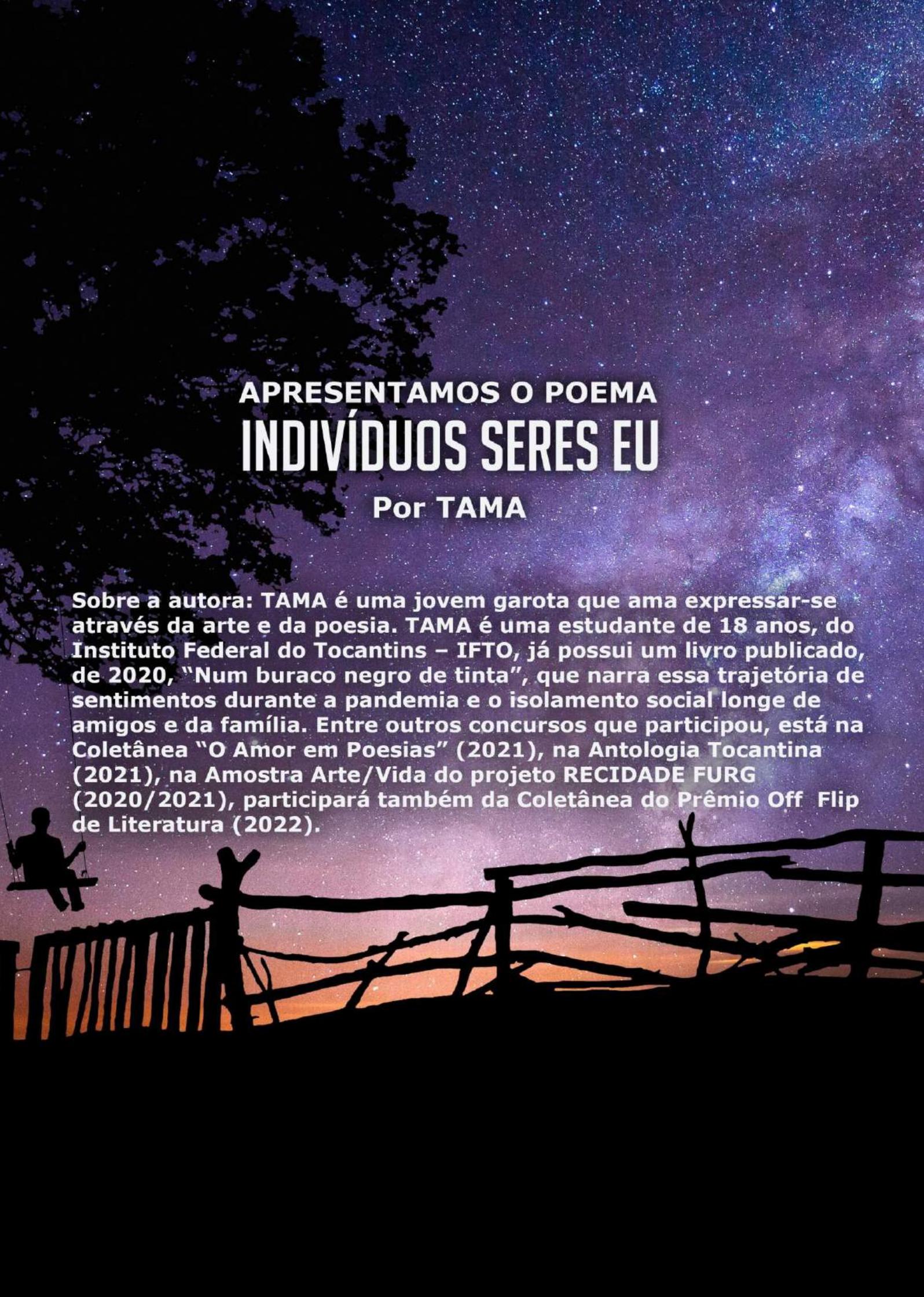
Para Portugal, cantaríamos sua música preferida ao embalo de seu acordeão

Mas, como são tristes os dias, sem a sua companhia desde que a covid o levou

Até mamãe que nunca chorava por causa de ti o rosto inundou

Agora, só me resta esperar para nos reencontrar no juízo final.



The background of the entire page is a night sky filled with stars and a faint Milky Way. In the upper left, there is a dark silhouette of a tree. In the lower left, a person is silhouetted sitting on a swing. In the lower half, there is a silhouette of a rustic wooden fence.

## APRESENTAMOS O POEMA INDIVÍDUOS SERES EU

Por TAMA

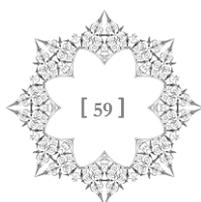
**Sobre a autora: TAMA é uma jovem garota que ama expressar-se através da arte e da poesia. TAMA é uma estudante de 18 anos, do Instituto Federal do Tocantins – IFTO, já possui um livro publicado, de 2020, "Num buraco negro de tinta", que narra essa trajetória de sentimentos durante a pandemia e o isolamento social longe de amigos e da família. Entre outros concursos que participou, está na Coletânea "O Amor em Poesias" (2021), na Antologia Tocantina (2021), na Amostra Arte/Vida do projeto RECIDADE FURG (2020/2021), participará também da Coletânea do Prêmio Off Flip de Literatura (2022).**

Salvo-te, cara alma,  
Porque reconheço que a minha não possa ser.  
Por isso, permaneço aqui,  
A observar as coisas,  
Enquanto você voa distante.  
Não te vejo mais  
E meus olhos criam histórias com outros protagonistas.  
Mas é findo.  
Os seres que crio  
Também acabam fugindo.  
Então me despeço de todos,  
Queridos personagens que me compõem,  
Adeus.

Com ar de abandono, me vou,  
Desbravar novos contos.  
Entre resquícios e encontros.  
Tolos repartimentos em mim.  
Não acho as gavetas em que me coloquei.  
Antiga eu que perdi.  
Entre partes que doei em vão,  
Procuro-me.

Como uma estrela cadente que raramente descansa,  
Sou atormentada por lapsos de passados e futuros alternativos.  
Os mitos e os segredos nunca revelados  
Deixam-me a questionar sobre algo  
Em mim que desconheço.  
Salvo uma persona para mais tarde,  
O agora cansa.  
Então as persianas balançam e despertam um outro eu que não conhecia.

Traduzo-me aos poucos e passo o tempo,  
Enfim,  
Com outro ser, eu.  
Assim, te vejo novamente,  
Sabia que voltaríamos a nos achar.  
Com isso, as gavetas perdidas são encontradas  
E meus eus retornam ao lar.  
Como luzes de aeronaves que aterrissam,  
Apago leve,  
Entre sonhos complexos e melodias ternas.  
Sou  
Por do sol.



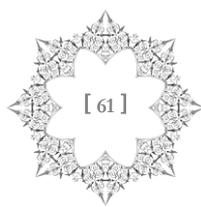


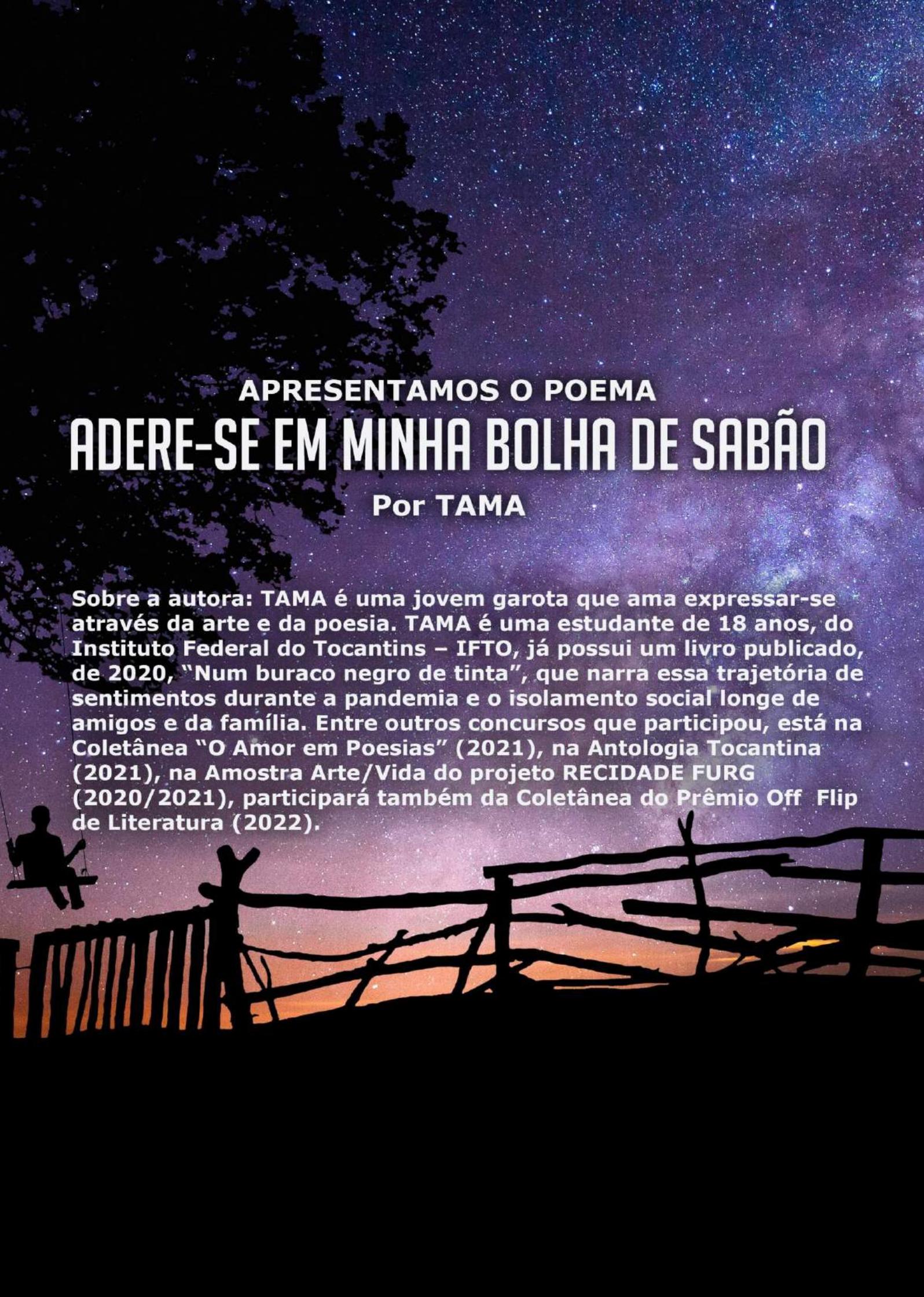
# APRESENTAMOS O POEMA NA BRECHA ENTRE UM QUESTIONAMENTO E OUTRO

Por TAMA

**Sobre a autora: TAMA é uma jovem garota que ama expressar-se através da arte e da poesia. TAMA é uma estudante de 18 anos, do Instituto Federal do Tocantins – IFTO, já possui um livro publicado, de 2020, "Num buraco negro de tinta", que narra essa trajetória de sentimentos durante a pandemia e o isolamento social longe de amigos e da família. Entre outros concursos que participou, está na Coletânea "O Amor em Poesias" (2021), na Antologia Tocantina (2021), na Amostra Arte/Vida do projeto RECIDADE FURG (2020/2021), participará também da Coletânea do Prêmio Off Flip de Literatura (2022).**

Indivisíveis bolhas de sabão adentram meu ar  
Criando crostas em meus pulmões escorregadios.  
Suas mensagens desaparecem em função de cliques por descartáveis comandos.  
Sou bombardeada por fogos de artifícios que originam-se do meu passado.  
Destituí partilhas com nomes que criaram pra nós.  
Entre futuros que não existiram,  
Pertencço apenas ao agora.  
Com idade de almas que unem-se e me tornam outro alguém.  
A carcaça confunde, pois minhas palavras não saem iguais como as penso.  
Talvez seja complexo  
A ida em direção ao percurso que procuro.  
Mas tudo que sei é que o destino chama  
Mais que a chama do trajeto.  
Eu perco o rumo,  
E me encontro mesmo perdida entre ruelas e esquinas.  
Provo que o tempo é um descompasso ilusório  
Ao interpretar as estações.  
Que verão é esse se chove?  
Outono me passa, mas as folhas não.  
Viajo e as estrelas guias me seguem  
Como se não houvesse amanhã.  
Talvez não haja  
Talvez o hoje seja só o amanhã de ontem que veio a se tornar real,  
Mas o amanhã de hoje não o vai.  
Visto as vestes de tecidos que não sei de onde vieram  
E me afundo no pensar que há mais talvez que sim.  
De onde vem a certeza de perseguir eu não entendo,  
Permaneço, porém, entre a linha fina de continuar a duvidar de coisas,  
Que os outros insistem em confiar,  
Ou tentar desbravar o desconhecido.





**APRESENTAMOS O POEMA**  
**ADERE-SE EM MINHA BOLHA DE SABÃO**

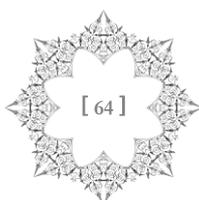
**Por TAMA**

**Sobre a autora: TAMA é uma jovem garota que ama expressar-se através da arte e da poesia. TAMA é uma estudante de 18 anos, do Instituto Federal do Tocantins – IFTO, já possui um livro publicado, de 2020, “Num buraco negro de tinta”, que narra essa trajetória de sentimentos durante a pandemia e o isolamento social longe de amigos e da família. Entre outros concursos que participou, está na Coletânea “O Amor em Poesias” (2021), na Antologia Tocantina (2021), na Amostra Arte/Vida do projeto RECIDADE FURG (2020/2021), participará também da Coletânea do Prêmio Off Flip de Literatura (2022).**

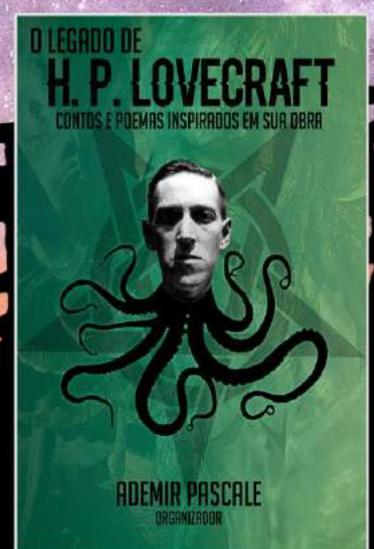
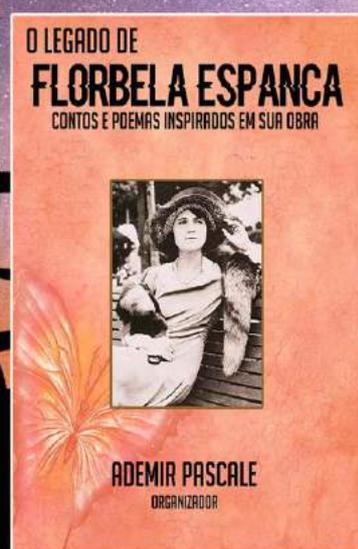
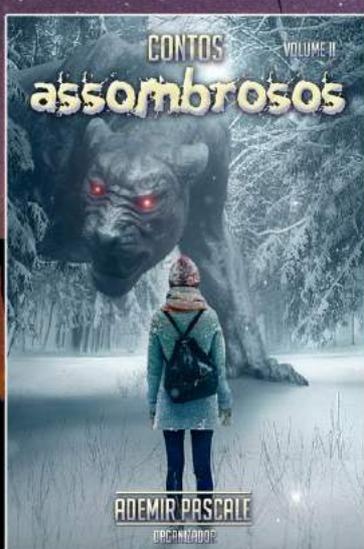
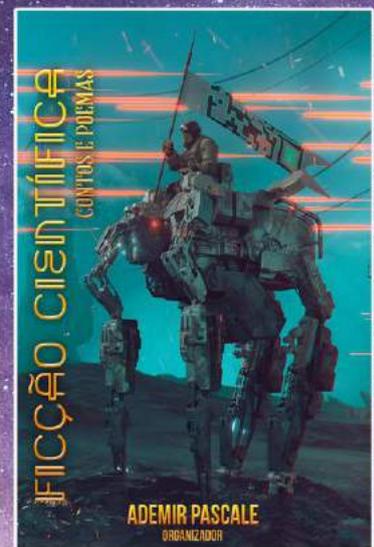
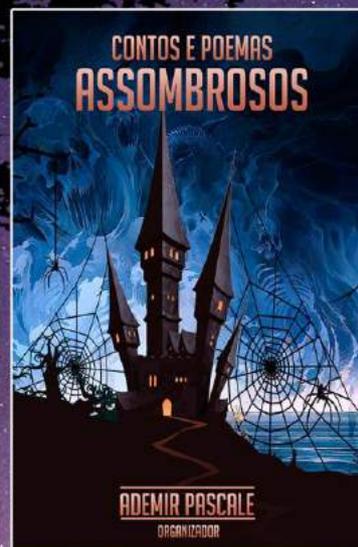
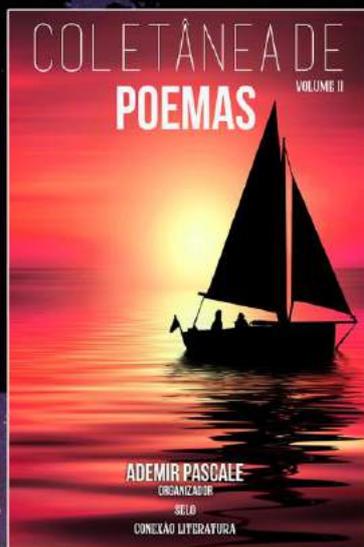
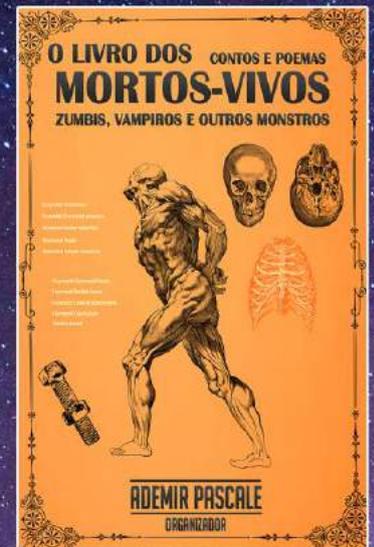
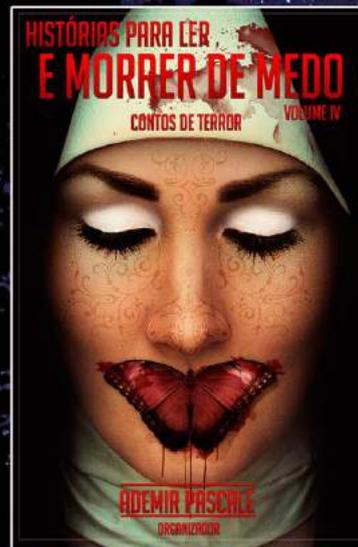
Uma pessoa distante fica pequena aos meus olhos,  
Como meus problemas perante o mundo.  
Um avião parte,  
Rasga as nuvens e leva suas luzes através da noite.  
Vivo no aguardo  
De um tempo que acontece apenas na minha mente.  
Minto.  
Não quero mais tentar,  
Apenas imaginar.  
Quero que tudo seja bom.  
Futuro, te desejo como se fosse uma bala doce,  
Chocolate e café amargo.  
Amores entre um verão e outro.  
Réplicas de insistentes tentativas.  
Sou forçada a quebrar-me mais uma vez.  
Crio ataduras em meus pulsos.  
Sou prisioneira do destino.  
Será que se recorda do meu nome?  
Passados incongruentes  
Insinuam um tortuoso esperar.  
Engano-me ao pensar que tudo vem depois e escolho fechar os olhos pro agora.  
Guardo-me em um pequeno pote de vidro.  
Até as próximas estações,  
Adeus.

Meu ponto não chega, aguardo,  
Como um compreensivo monge,  
Mesmo que por dentro  
Meu templo pega fogo  
Como o sol das cinco e quarenta.

Espanta-me o observar de dentro da minha bolha.  
Invisível fortaleza me mantém aqui.  
Um leão de zoológico, me sinto observada.  
Sou a ilusão da muda paciência  
Do rio com correnteza.  
Não chegue perto, te levo comigo.  
Ela não partiu.  
Aceita meu convite e me expando  
Em uma bolha de sabão que a adere para o meu mundo.  
Veja a fabulosa visão da sensação de compreender o tudo.



# CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA COLEÇÃO



**BAIXE OS E-BOOKS GRATUITAMENTE: CLIQUE SOBRE AS CAPAS**

VISITE: [WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR](http://WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR)

CURTA: [WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOLITERATURA](http://WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOLITERATURA)

SIGA: [WWW.INSTAGRAM.COM/REVISTACONEXAOLITERATURA](http://WWW.INSTAGRAM.COM/REVISTACONEXAOLITERATURA)

E-MAIL: [ADEMIRPASCALE@GMAIL.COM](mailto:ADEMIRPASCALE@GMAIL.COM)

**PARTICIPE DE NOSSAS ANTOLOGIAS. LEIA NOSSOS EDITAIS EM ABERTO: CLIQUE AQUI**